



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO (UNIVS)
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

YASLA ALBUQUERQUE PIANCÓ

RELAÇÕES AMOROSAS: uma perspectiva psicanalítica acerca da fragilidade dos vínculos
na contemporaneidade

Icó/CE
2025

YASLA ALBUQUERQUE PIANCÓ

RELAÇÕES AMOROSAS: uma perspectiva psicanalítica acerca da fragilidade dos vínculos na contemporaneidade

Artigo científico submetido à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Bacharelado em Psicologia, pelo Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para obtenção do título de Bacharela em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Thallison de Souza Nobre

YASLA ALBUQUERQUE PIANCÓ

**RELAÇÕES AMOROSAS: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA ACERCA DA
FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS NA CONTEMPORANEIDADE**

Artigo científico submetido à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Bacharelado em Psicologia, pelo Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para obtenção do título de Bacharela em Psicologia.

Aprovado(a) em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Me. Thallison de Souza Nobre
Professor Orientador

Esp. Davi Sampaio Cardoso
Professor Avaliador

Ma. Meury Gardênia Lima de Araújo
Professora Avaliadora

RELAÇÕES AMOROSAS: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA ACERCA DA FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS NA CONTEMPORANEIDADE

Yasla Albuquerque Piancó¹
Thallison de Souza Nobre²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo discutir a partir da teoria psicanalítica de que modo as fragilidades das relações amorosas impactam a sociedade contemporânea, investigando as mudanças que se sucedem das novas relações, compreendendo como a influência de fatores socioculturais contribuem para as fragilidades das relações amorosas e identificando os impactos gerados pela fragilidade na sociedade contemporânea. Ao decorrer dos anos com as grandes mudanças, acarretou-se também as novas formas de se relacionar e o impacto que é gerado. Ao analisar de forma crítica a temática foi possível contribuir e compreender os efeitos advindos de um contexto sócio-histórico e cultural considerando seus determinantes e os impactos por ele gerados. Ademais, este estudo se propõe a suscitar reflexão de forma crítica a fim de promover modos de repensar novas construções das relações humanas, especialmente as amorosas; as quais apesar dos receios causados, ainda são buscadas e valorizadas. A partir de aspectos metodológicos, trata-se de uma revisão de literatura integrativa de abordagem qualitativa, exploratória e analítico interpretativo a fim de obter maior compreensão acerca da temática investigada. Ao abordar questões relativas à temática sobre relações amorosas e fragilidade dos vínculos na contemporaneidade, fica evidente que estas ainda são marcadas pela dificuldade dos sujeitos em lidarem com aquilo que lhes é constitutivo, a falta e o desamparo. Com isso, observa-se que este vasto campo do amor e suas numerosas camadas exige que seja considerado aspectos emocionais, sociais, culturais para que haja compreensão de sua complexidade e tudo o que envolve e influencia. Para tanto, diante das constantes transformações faz-se necessário que mais pesquisas e estudos sejam realizados para um maior aprofundamento acerca da temática não somente para compreensão dos novos modelos de amar em um contexto cada vez mais marcado pela fluidez e volatilidade das relações.

Palavras-chave: Relações amorosas. Contemporaneidade. Fragilidade dos vínculos. Psicanálise.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado (UniVS). E-mail: yaslalbuquerque@gmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas. Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado (UniVS). E-mail: thallisonnobre@univs.edu.br

ABSTRACT

The present study aims to discuss, from a psychoanalytic perspective, how the fragility of romantic relationships impacts contemporary society. It investigates the changes resulting from new relationships, understands how sociocultural factors contribute to the fragility of romantic relationships, and identifies the impacts generated by this fragility in contemporary society. Over the years, significant changes have also led to new ways of relating and the resulting impact. A critical analysis of the subject has contributed to understanding the effects stemming from a socio-historical and cultural context, considering its determinants and the impacts it generates. Furthermore, this study aims to stimulate critical reflection in order to promote ways of rethinking new constructions of human relationships, especially romantic ones; which, despite the fears they cause, are still sought and valued. Methodologically, this is an integrative literature review with a qualitative, exploratory, and analytical-interpretative approach to gain a greater understanding of the investigated topic. When addressing issues related to romantic relationships and the fragility of bonds in contemporary society, it becomes evident that these relationships are still marked by the difficulty individuals face in dealing with what constitutes them: lack and helplessness. Therefore, it is observed that this vast field of love and its numerous layers requires consideration of emotional, social, and cultural aspects to understand its complexity and all that it involves and influences. Thus, given the constant transformations, further research and studies are necessary for a deeper understanding of the subject, not only to comprehend new models of love in a context increasingly marked by the fluidity and volatility of relationships.

Keywords: Love relationships. Contemporaneity. Fragility of bonds. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 VIDA AMOROSA NA TEORIA PSICANALÍTICA.....	8
2.2 FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS AMOROSOS NA PSICANÁLISE.....	9
2.3 RELAÇÕES AMOROSAS E CONTEMPORANEIDADE.....	11
3 METODOLOGIA.....	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
4.1 RESULTADOS.....	14
4.2 DISCUSSÕES.....	15
4.2.1 Categoria 1 - O Discurso Psicanalítico Fundamental.....	16
4.2.2 Categoria 2 - A Manifestação da Fragilidade.....	17
4.2.3 Categoria 3 - O Vínculo Amoroso na Contemporaneidade.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

Ao falar de amor, fala-se da experiência própria de cada sujeito. Trata-se, além disso, da travessia compreendida ao longo de um processo sócio-histórico e cultural, moldado ao longo dos anos por desejos, afetos e fantasias. Afinal, não há amor se não há desejo. A partir das contribuições de Freud e Lacan, ele é marcado pela transferência, fantasia amorosa e pela falta, sendo esta entendida como a tentativa de sempre buscar alcançar uma ideia de completude, sendo esta não atingida. (Ferreira, 2004).

Além de suas possibilidades já esperadas, vai além do sentido romântico; representa também os desejos inconscientes de cada ser, o que espera-se do outro. É com a fantasia que se tem do objeto amado que nasce a idealização, parte estruturante da realidade psíquica, o que dá sentido aos sujeitos na sua busca pelo objeto ideal. É definido, portanto, pela maneira como se constitui a dimensão subjetiva de cada indivíduo.

A contemporaneidade é permeada pela fragilidade dos vínculos em decorrência das transformações ocorridas e marcadas pela insegurança, medo, superficialidade, liquidez e individualidade; além de serem demarcadas também pelo poliamor, que configura-se em relações não monogâmicas, havendo, portanto, a possibilidade de relacionar-se com mais de um parceiro e conseqüentemente a não lidar com uma relação baseada no compromisso e fidelidade. Em contrapartida há uma ambigüidade, pois permanece o desejo de relações que sejam marcadas pela conexão verdadeira, compromisso duradouro entre os pares, porém sem que haja esforço mútuo.

O amor, ainda que tenha passado por transformações ao longo do tempo, possui em sua estrutura simbólica os ideais e a completude que os sujeitos esperam de uma relação. Portanto, a contemporaneidade não se distancia totalmente do passado, porém, o mantém em uma relação de anacronismo. O sujeito contemporâneo vive em tempos de promessas de eternidade, mas que estas encontram-se esvaziadas; permanecendo assim em relações que simultaneamente ora iluminam, ora obscurecem sua afetividade. (Nasio, 1997); (Agamben, 2009).

Diante o exposto, a partir da teoria psicanalítica, busca-se apontar e gerar reflexão acerca da temática abordada considerando a construção subjetiva a partir de influências internas e externas de cada sujeito, marcadas por um contexto sócio-histórico e cultural. Portanto, faz-se necessário investigar como se sucederam, como o contexto contribui para as mudanças ocorridas e os impactos gerados na contemporaneidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O significado da palavra amor está relacionado às experiências individuais de cada sujeito, ligando-se à sua subjetividade; diz respeito à maneira como cada ser é atravessado por esse complexo emaranhado de emoções, afetos e desejos. Desde os primórdios da humanidade que o conceito e suas variadas formas de manifestação tornaram-se tema de estudos e discussões entre autores. Enquanto concebido como construção social, é atravessado por diferentes culturas, estruturas e representações, fornecendo significados próprios no que diz respeito a sua forma de expressão; conseqüentemente nos modos de se relacionar. A partir dos estereótipos impostos, a sociedade é orientada quanto aos padrões que devem seguir para atingirem os ideais românticos. O modo como foram ensinadas a agir, pensar, se expressar permite que seja compreendido como um fenômeno que perpassa transições da cultura em que vivem.

Nesse sentido, de acordo com a teoria freudiana, a manifestação da cultura é vista como uma maneira de reprimir e sublimar os instintos sexuais dos sujeitos para que sejam posteriormente socialmente aceitos; impondo então, maneiras e regras de como deve ser vivenciado. É fantasia amorosa do sujeito neurótico, trazendo a ideia de uma completude, sendo o encontro da felicidade plena.

Entende-se por fantasia amorosa o que diz respeito a realidade psíquica do sujeito, é a sua verdade baseada na própria história de vida; a maneira como as representações da mesma foram construídas ao longo do tempo. Além disso, configura-se como o momento em que o desejo do sujeito se manifesta. Por sua vez, este desejo é sempre marcado pela falta, uma insatisfação na qual o sujeito não consegue atingir um ideal projetado por ele mesmo.

Para a teoria psicanalítica, o amor assume seu papel como um lugar em que o inconsciente possui uma intensa manifestação, ocupa uma posição de ponto central na Psicanálise; é através dele que todas as experiências ocorrem, é o que move o desejo. Além disso, demanda dos sujeitos uma troca recíproca, pois “Amar é essencialmente querer ser amado”. Outrossim, Lacan afirma que ademais representa uma força avassaladora, destrutiva; marcada por um arrebatamento de si e do outro. (Kaufmann, 1996).

2.1 VIDA AMOROSA NA TEORIA PSICANALÍTICA

Segundo a teoria freudiana, o amor está atrelado à transferência, à repetição; são conceitos psicanalíticos utilizados para referir-se à projeção de sentimentos, desejos e expectativas direcionadas à figura do analista e a tendência de maneira inconsciente que o sujeito possui para reviver situações traumáticas ou dolorosas que não de maneira consciente, respectivamente. Portanto, está relacionado à estrutura de subjetividade que cada sujeito possui. Guiando-se pelos escritos de Freud em suas contribuições à vida amorosa de sua obra *Recordar, Repetir e Elaborar*, quando um sujeito destina seu amor a um outro, não é nada mais do que repetir. Apenas o objeto de amor será reencontrado em outras condições, mas este seria substituto de um objeto fundamental (Ventura, 2021).

A repetição, é portanto, traduzida de diversas maneiras. É ligada ao sintoma do sujeito, sendo capaz de se traduzir como o mal-estar, é uma tentativa sempre falha de neutralizar o excesso de gozo ligado ao amor, é também a própria solução. Não há amor idêntico a outro, pois é uma invenção, um modo particular de se dirigir ao outro. Para Ventura (2021), o amor está relacionado às experiências iniciais e, portanto, as marcas destas experiências individuais reacenderiam sua atuação.

Nas contribuições da teoria freudiana, o pai da psicanálise debruça-se a compreender como esta experiência subjetiva é atravessada na vida dos sujeitos. Exprime a complexidade vivenciada e a influência utilizada acerca dos laços amorosos, sendo atravessada pela cultura. É posto como principal elemento para a constituição da sociedade, atrelado como premissa para a felicidade; gerando assim, a promoção de um funcionamento psíquico saudável. De maneira similar, é também compreendido como irascível, conflitante. (Sena, 2018).

Sua manifestação ocorre por meio do desejo, implicando inicialmente no reconhecimento deste; pois sem desejo não há amor. A posição de amar de maneira ativa dispõe do sujeito um objeto a quem direcionar essa demanda; portanto colocando-os na posição de sujeito, sendo aquele que ama e objeto, que é amado. Entretanto, durante essa experiência persiste a falta. A falta surge como estrutura do desejo, sendo o que lhe move. Há o desejo precisamente porque algo falta e essa lacuna nunca é plenamente preenchida. Em suma, não se caracteriza apenas como uma ausência concreta, mas como uma parte constituinte do aparelho psíquico. Em contrapartida, amar não significa afirmar que essa falta será anulada. Sempre estará presente no psiquismo, caracterizando-se por prevalecer o deslocamento entre um objeto e outro, mas permanecendo o mesmo. (Ferreira, 2004).

Ademais, o amor caracteriza-se como uma condição elementar diante da existência humana, ou seja, faz parte da estrutura psíquica do sujeito. De acordo com Kuss (2022), o ser humano nasce num estado de desamparo, necessita recebê-lo para a sua sobrevivência, há

uma dependência de outro ser. Contudo, ao longo da vida não há maneiras de proporcionar garantias de que este possa perdurar, mesmo diante de uma relação presente. Além disso, a autora tece críticas relacionadas à idealização como forma de completude, o que remete ao que anteriormente foi citado; que a ideia de completude está associada a uma fantasia amorosa do sujeito, a falta sempre estará presente. Ficando evidente, portanto, que todos são atravessados por ele - ainda que de diferentes formas - por meio da falta, da busca ou negação.

A partir da obra “O banquete” de Platão, Kuss (2022) debruça-se na narrativa proferida no que concerne à fantasia da completude, relacionando a ideia de sempre se buscar pela parte perdida no outro. Com isso, essa eterna busca se compreende no indivíduo como a manifestação do desejo de tentar se livrar da própria falta, terceirizando no outro a missão irrealizável de completar aquilo que foi perdido. Nenhuma relação amorosa possibilita a anulação da falta que é constitutiva do aparelho psíquico do sujeito. Portanto, diferente da fantasia, a realidade configura-se em lidar com a incompletude, com o desencontro, com a falta também gerada pelo outro.

2.2 FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS AMOROSOS NA PSICANÁLISE

“Não são poucos os que pensam que a experiência do amor estaria em vias de extinção. São numerosos e plurais os discursos que advertem do perigo que cada vez mais é pronunciada sua ausência no laço social.” (Ventura, 2021). O autor menciona que na contemporaneidade o amor tornou-se líquido, sendo efêmero, fluido, e frágil; produzindo cada vez mais nos sujeitos o temor ao compromisso duradouro, induzindo-os a relacionar compromisso à privação de liberdade e autonomia. O que, como consequência, gera as relações superficiais. Além disso, os relacionamentos atuais são vistos como produtos - válidos enquanto úteis, do contrário são descartados.

Observa-se diante disso a oscilação entre o desejo de conexão e construção de vínculos e o medo que essa aproximação pode causar levando ao sofrimento, havendo assim, ambiguidade e gerando vínculos fragilizados. De acordo com o filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman, as relações devem ser analisadas de maneira crítica, pois as novas formas de se relacionar possibilitam inúmeras conexões trazendo-lhe a falsa sensação da ideia de sucesso, gerando-se questionamentos se de fato são duradouros.

É possível notar que diante da rapidez, volatilidade, facilidade, conseqüentemente o aumento da liberdade; fica cada vez mais evidente a redução da tolerância entre os sujeitos nas vivências de suas relações, ou seja, à medida que a fragilidade aumenta, a tolerabilidade

diminui. No entanto, cresce-se também sentimentos de desamparo e solidão diante das circunstâncias apresentadas, mas a busca para a construção de uma relação ainda permanece. O que percebe-se é que um dos fatores que contribuem para a fragilidade está relacionado à sociedade capitalista que fortalece esse panorama, contribuindo de maneira que o ser humano seja substituído com facilidade. (Lisboa; Scotti; Silva, 2023).

Na sociedade atual é bastante valorizada a ideia da individualidade, corroborando que envolver-se amorosamente está associado a correr grandes riscos e, com isso, haja evitação de ambos os lados. A partir disso, a concepção de manter vínculos duradouros já não é mais vista de forma atrativa; reforçando, assim, os comportamentos que vêm sendo estabelecidos ao longo dos anos. (Sousa; Santos, 2022).

Relacionando a concepção de fragilidade, torna-se evidente o desamparo relacionado à angústia em decorrência da geração de expectativa direcionada ao objeto amado. Pelo medo da incerteza, da não correspondência, pela falta de controle é gerado no sujeito um intenso sofrimento; entretanto é caracterizado como parte da condição humana. Direcionar amor e afeto põe à prova a vulnerabilidade deste e, portanto, influencia diretamente a maneira de propagar-se nas relações. Entretanto, por mais que se apresentem como inquietantes e geradores de angústia, são aspectos inerentes da vida e ao permitir viver a experiência emocional é passível de ser proporcionada a mudança novos vínculos. (Fernandes, 2021).

A liquidez presente revela os tipos de exigências diferentes das que se tinham anteriormente. Torna-se mais evidente a descartabilidade das relações, a não tolerância do desprazer, numa busca incessante de atingir o eu ideal; o que remete ao estado narcísico do sujeito. Com isso, compreende-se o sentimento de vazio muito presente, pois nunca é possível atingir esse ideal esperado; ocorrendo assim, uma disfuncionalidade das relações amorosas. (Lisboa; Scotti; Silva, 2023).

A teoria psicanalítica ao compreender a subjetividade da vida amorosa, conceitos, fantasias, desejos, impasses, completude e falta; contribui de modo a refletir este cenário mesmo diante de um campo cada vez mais fluido; marcado pela instabilidade e incerteza levando-se em consideração os novos processos ocorridos, mas também através de da estrutura psíquica do sujeito. (Lisboa; Scotti; Silva, 2023).

2.3 RELAÇÕES AMOROSAS E CONTEMPORANEIDADE

Historicamente, a compreensão do amor é atrelada segundo os padrões e normas determinados pela cultura. Os padrões e normas impostos seriam então de

heteronormatividade, idealização do amor romântico, tendo como base o patriarcado e a monogamia. Entretanto, ao longo dos anos, os formatos das relações passaram por uma série de mudanças. Sendo produto e reflexo da sociedade, portanto construído em decorrência desta, naturalmente acompanha os processos de transição que ocorrem e suas possibilidades. (Palma; Perez, 2018).

Antes sustentado pelas relações de poder entre masculino e feminino, distinguindo os papéis que deveriam ser seguidos por ambos; cristalizando a mulher numa posição de fragilidade e o homem como patriarca, fica evidente o mito da idealização, da relação como um conto de fadas. Portanto, ao longo das novas configurações sendo marcadas pelo advento das revoluções ocorridas no mundo, deixam de ser consideradas como imposição e conveniência e passam a ser como uma liberdade de escolha. Todas essas transformações se oportunizaram também pela globalização, acarretando conseqüentemente a vinda de tecnologias, mídias sociais, gerando ainda mais velocidade. (Palma; Perez, 2018).

Na contemporaneidade os relacionamentos passaram e passam por processos de mudanças, nas quais cada vez mais pessoas estão adotando um novo estilo em suas vidas. Todo esse processo de mudança é compreendido por um contexto sócio-histórico e cultural, fazendo com que ao longo do percurso se alterasse a maneira como indivíduos relacionam-se. As redes sociais tornaram-se um dos grandes motivos para o entendimento desse processo, tornando-se um recurso importante para o desenvolvimento das relações amorosas contemporâneas. Entretanto, a importância das redes sociais em demasia vem refletindo em aspectos negativos no que diz respeito à superficialidade dos vínculos gerados. (Cotta, 2019).

A partir disso, é notório que um dos aspectos gerados nas novas configurações amorosas com o advento das redes sociais diz respeito à comodidade nas relações. Se por um lado permite-se a facilidade da formação de novos vínculos, por outro, gera-se questionamentos quanto à volatilidade das pessoas, à superficialidade, à busca muitas vezes desenfreada pelo prazer de maneira instantânea; em contrapartida espera-se segurança, compromisso e fidelidade, desejando resultados sem que haja esforço mútuo e prolongado. (Cotta, 2019).

Cabe ressaltar que nas relações atuais devido às inúmeras transformações, foi proporcionado diversas opções na forma de se relacionar; comparando muitas vezes o amor, as experiências e conexões a um objeto. O poliamor mostra-se como característico na atualidade, sendo marcado por relações não monogâmicas, havendo, portanto, a possibilidade de relacionar-se com mais de um parceiro e conseqüentemente a não lidar com uma relação baseada no compromisso e fidelidade. O termo configura novas maneiras de expressar o

amor, reinventar; indo na contramão do que antes havia sido estabelecido. É marcado pela desconstrução do que anteriormente havia sido estabelecido pela sociedade e cultura. (Palma; Perez, 2018).

Na perspectiva do filósofo Giorgio Agamben, a contemporaneidade tende a ser estabelecida como a relação singular do sujeito com o próprio tempo, aquele que vive e pratica ao modo do que é esperado a partir do meio em que está inserido. Entretanto, é também posto uma distância diante dessa realidade. Esta relação pode ser compreendida como um anacronismo, ou seja, estar situado em um determinado período da história ao qual não pertence, um deslocamento. Para Nietzsche, esta ideia é concebida como uma verdadeira dissociação e desconexão, pois o sujeito considerado contemporâneo não se adequa perfeitamente e não se permite ser adequado à sua atualidade. (Agamben, 2009).

“Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (Agamben, 2009). O sujeito ao estar inserido na escuridão não implica expressar que está agindo de maneira passiva, mas sim, que lhe fora atribuído uma habilidade de descobrir e sentir as trevas de sua existência. É aquele que possui consciência do tempo obscuro que lhe afeta e não permite-se ser interpelado.

Ao adentrar no campo das relações amorosas este viés contemporâneo, fica evidente que este é atravessado por tensões constitutivas entre permanência e ruptura, desejo e dor; o que significa dizer que amar é viver a experiência de um paradoxo: na busca por uma relação plena, o sujeito defronta-se com a falta e a ausência. O ideal romântico antes sustentado culturalmente, na contemporaneidade é atravessado pela consciência de sua instabilidade emocional.

Segundo Nasio (1997) o amor é intrínseco ao sofrimento, caracterizando portanto, a dor psíquica. Na possibilidade da perda do objeto amado, seja por qual motivo for, confirma-se que o sujeito nunca está tão vulnerável quanto no exercício de amar. A ambivalência de que “quanto mais se ama, mais se sofre” revela que amar representa simultaneamente fonte de prazer e dor para aquele que destina seu amor e para aquele que recebe.

O amor, ainda que tenha passado por transformações ao longo do tempo, possui em sua estrutura simbólica os ideais e a completude que os sujeitos esperam de uma relação. Portanto, a contemporaneidade não se distancia totalmente do passado, porém, o mantém em uma relação de anacronismo. O sujeito contemporâneo vive em tempos de promessas de eternidade, mas que estas encontram-se esvaziadas; permanecendo assim em relações que simultaneamente ora iluminam, ora obscurecem sua afetividade.

Assim sendo, o amor romântico na contemporaneidade pode ser compreendido através de um campo de tensão entre dois extremos: o desejo de amor eterno e a inevitabilidade da perda. Configurando-se dessa forma como uma sustentação da fantasia amorosa e por uma compreensão de um presente inacabado.

3 METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho foi realizada uma revisão de literatura integrativa, sendo adotada uma abordagem qualitativa, exploratória e analítico interpretativo com o objetivo de reunir e analisar estudos realizados anteriormente a fim de obter maior compreensão acerca da temática a ser investigada referente às relações amorosas e a fragilidade dos vínculos na contemporaneidade a partir de uma abordagem psicanalítica. A revisão de literatura integrativa permite a construção de uma ampla análise, o que contribui para a realização de discussões sobre métodos e resultados de pesquisa, bem como gerar reflexões sobre a realização de futuros estudos. (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Configurando-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa se dedica à investigação dos fenômenos estudados, conforme descrito na literatura. Ela emprega teorias, conceitos e diversas perspectivas, visando proporcionar uma compreensão mais aprofundada sobre a temática em questão. (Gil, 2017). Caracteriza-se como abordagem de caráter exploratório pela busca de responder questionamentos e compreender fatos que necessitam ser explorados, na tentativa de aprofundar conhecimentos da temática em questão.

Segundo (Souza; Silva; Carvalho, 2010) a revisão de literatura integrativa subdivide-se numa sequência de seis etapas, sendo estas: (1) elaboração da pergunta norteadora; (2) busca na literatura; (3) coleta de dados; (4) extração e categorização dos dados; (5) análise crítica e (6) apresentação e discussão dos resultados. As etapas estabelecidas são necessárias para garantir o rigor científico a partir do material utilizado.

A pergunta norteadora realizada para permitir iniciar o trabalho diz respeito a: como as fragilidades dos vínculos amorosos impactam a sociedade na contemporaneidade? Diante da definição do tema e da pergunta norteadora foi possível estabelecer os descritores, bases de dados e critérios metodológicos a fim de desenvolver uma base científica. Foi levado em consideração para a definição da pergunta norteadora a sua relevância social a partir das mudanças significativas ocorridas na sociedade perante a fragilidade das relações ao decorrer dos anos.

Os descritores utilizados para a realização do presente trabalho foram: “psicanálise”, “relações amorosas”, “contemporaneidade”, “fragilidade dos vínculos”. Para as buscas bibliográficas foram utilizadas as bases de dados: SciELO, PePsic, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico. Além disso, a leitura de materiais foi desempenhada de forma cautelosa visando os objetivos esperados a fim de garantir buscas pertinentes para promover a discussão proposta.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 RESULTADOS

Quadro 1- Categorização dos dados

Autor(es) / (Ano)	Tipo de Estudo / Delineamento	Síntese dos Resultados / Conclusões
COTTA, Denis. / 2019	Bibliográfica, qualitativa e descritiva.	A partir de diálogos entre Erich Fromm e Bauman, é abordado acerca dos vínculos amorosos na contemporaneidade com uma concepção de amor líquido.
FERNANDES, Waldemar José. / 2021	Estudo de abordagem qualitativa e descritiva.	Discussão central sobre os conceitos de solidão, desamparo e a relação entre ambos. Abordando sobre incerteza, imprevisibilidade e fragilidade.
LISBOA, Andriele Lopes Barbosa; SCOTTI, Júlia de Souza; SILVA, Luana Luzia da. / 2023	Bibliográfica de natureza exploratória e descritiva.	O artigo caracteriza o amor levando em consideração sociedade e cultura e discute as principais dificuldades que os relacionamentos enfrentam na atualidade.
PEREZ, Tatiana Spalding; PALMA, Yáskara Arrial. / 2018	Pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva.	Diante das novas construções marcadas pelo poliamor, a pesquisa se debruça sobre amor livre, não-monogamia e individualidade a partir de

		um discurso sócio-histórico.
SENA, Nadja Cecília Beserra de. / 2018	Pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva.	Aborda sobre relações amorosas a partir da pulsão, amor e sexualidade sobre fundamentos freudianos e lacanianos.
SOUSA, João Paulo de; SANTOS, Liliane. / 2022	Bibliográfica, qualitativa e descritiva.	Discutir o conceito de fantasia pelo olhar da psicanálise a partir de escritos de Freud e Lacan
VENTURA, Oscar. / 2021	Qualitativo, descritivo.	Através de uma perspectiva psicanalítica o autor relaciona a fragilidade dos vínculos amorosos contemporâneos à lógica capitalista, reduzindo o amor a consumo e instantaneidade.

Fonte: Elaboração própria (2025)

4.2 DISCUSSÕES

4.2.1 Categoria 1 - O Discurso Psicanalítico Fundamental

Sob a ótica da psicanálise freudiana, há a compreensão de que o amor se constitui enquanto um fenômeno interligado ao narcisismo buscando de forma contínua uma completude. Nesse sentido, torna-se evidente que o desamparo do sujeito e sua tentativa de tamponar sua falta é refletido através de suas experiências amorosas que, ao longo de suas transformações, se organiza em várias formas de vinculação afetiva segundo contextos socioculturais, em que individualidade e efemeridade dominam os laços. O amor é, portanto, um desejo insaciável na tentativa de preenchimento da falta que é constitutiva do sujeito. (Lisboa; Scotti; Silva, 2023).

Segundo as mesmas autoras, os vínculos amorosos contemporâneos representam o consumismo e a escolha do eu sobre o outro, assumindo assim, uma volatilidade. Ao dialogar sobre a liquidez das relações e a apatia afetiva, exprime-se a predominância do gozo de maneira imediata sobre o investimento libidinal duradouro entre sujeitos. Entretanto,

permanece um desejo de um ideal romântico sublimado. Todavia, apesar da oscilação demarcada entre desejo de liberdade e completude em meio a fluidez, o amor mantém-se enquanto força estruturante e espaço para compreender as dinâmicas subjetivas e sociais do sujeito contemporâneo inserido em uma cultura. (Lisboa; Scotti; Silva, 2023).

Para os sujeitos neuróticos, a escolha objetal é permeada por mecanismos inconscientes de idealização e ambivalência, mantendo uma íntima relação com a sexualidade e o sintoma. É reconhecido que no amor há uma força que ao mesmo tempo propicia o laço e também produz sofrimento, compreendendo que é estruturado sobre o recalque, a fantasia e impossibilidade de satisfação de forma total. Nesse sentido, configura-se a busca de reencontrar o objeto perdido. (Sena, 2018).

A autora investiga a dualidade pulsional, na qual pulsão de vida e pulsão de morte se interligam nas experiências amorosas. Entende-se, assim, que este deseja controlar sua tendência destrutiva, mas repetição e compulsão lhe atravessam. Caracterizando-se como um campo de confrontação do sujeito com a castração, representa também a constituição subjetiva e a reintegração do desejo simbolizado pela falta. (Sena, 2018).

O desejo inconsciente do sujeito se realiza de modo substitutivo, compreendendo a fantasia como a manifestação da realidade psíquica. Configurando-se como um mecanismo do psiquismo e estruturada em três tempos distintos, esta caracteriza-se como um campo em que ocorre a constituição do desejo, situando-se entre o simbólico, real e imaginário. Portanto, a fantasia apresenta-se como estrutura organizadora da vida psíquica, no qual o sujeito se constitui e inconsciente se expressa por via simbólica. (Sousa; Santos, 2022).

4.2.2 Categoria 2 - A Manifestação da Fragilidade

Segundo o autor (Ventura, 2021), o amor através da repetição e fragilidade é compreendido pela falta e tentativa de encontro do objeto perdido. Amar significa, portanto, o reencontro com o mesmo, tornando evidente o desamparo que estrutura a subjetividade. No entanto, este pode existir de variadas formas e possibilidades, tomando o vazio como condição de existência do sujeito. Colocar-se frente a esta condição e conseqüentemente à fragilidade, torna-o particular, simbolizando o encontro com o outro e com a certeza de que não há completude.

Ao dialogar sobre fragilidade na contemporaneidade, observa-se o capitalismo ocupando uma esfera que converte-o em produto de consumo e imediatismo, invalidando seu tempo particular necessário, perpetrando a aceleração dos vínculos e contribuindo, assim, para

uma fragilidade dos laços. Entretanto, é possível que o sujeito habite este vazio e reinvente o amor a partir de um novo, a partir de seu desejo e não da falsa ideia da completude. (Ventura, 2021).

A partir das contribuições do autor (Fernandes, 2021) sobre solidão e desamparo e relacionando-as com a fragilidade, é possível considerar que a solidão perpassa a busca de completude, um interno perfeito, sendo impossível de atingir. Todavia, não representa somente uma ausência de companhia, mas principalmente, é uma condição inerente aos sujeitos e ao não desenvolvê-la de forma satisfatória, este é suscetível a um estado de melancolia.

O desamparo é concebido enquanto a primeira experiência de vida, logo após o nascimento, quando há uma dependência absoluta com o cuidador primário. Há ali a necessidade do cuidado com o bebê para garantir-lhe sua sobrevivência. Na vida adulta, durante as experiências amorosas busca-se no outro aquilo que foi perdido, gerando muitas vezes um padrão de repetição nas relações. Dessa forma, ao relacionar-se amorosamente o sujeito torna-se passível de vivenciar o inesperado, ou seja, ser desamparado. Retornando, assim, ao estado inicial do seu nascimento. (Fernandes, 2021).

Diante das inúmeras possibilidades que podem existir diante do encontro amoroso, dentre elas o sofrimento, o sujeito na tentativa de evitá-lo e em aceitar a realidade insiste na falha tentativa de controle. Para o autor, os vínculos verdadeiros não oferecem a garantia que não exista solidão, dificuldades e imperfeições; entretanto, diante da aceitação e reconhecimento, é dada a oportunidade para a abertura de um campo de crescimento e aprendizagem mútua. (Fernandes, 2021).

4.2.3 Categoria 3 - O Vínculo Amoroso na Contemporaneidade

Segundo (Cotta, 2019), a partir do diálogo entre os sociólogos Erich Fromm e Bauman, a sociedade contemporânea é permeada pela lógica do consumo atrelando o amor e a experiência amorosa às exigências impostas, transformando-o em objeto de troca, mercantilizando-o. Sendo assim, nesse contexto a fragilidade assume um papel evidenciando a superficialidade, efemeridade e a fluidez das relações, permitindo cada vez mais a baixa profundidade das mesmas.

Ao realizar a interlocução das concepções propostas, fica explícito que na contemporaneidade as novas possibilidades de relações amorosas são mediadas na fluidez e descartabilidade e na busca contínua de prazer momentâneo, reduzindo-o em mero

consumismo. Ao passo que as relações ocorrem, estas estão tornando-se cada vez mais fragilizadas, por influência também das tecnologias que estão continuamente inovando-se e, portanto, gradativamente substituindo por conexões superficiais. (Cotta, 2019).

Para (Perez; Palma, 2018), o poliamor na contemporaneidade surge com uma concepção de opor-se e questionar a razão de relacionamentos monogâmicos, de exclusividade e passa a construir relações apoiadas na autonomia e diálogo. Discorrendo acerca das convicções sobre o amor romântico e das atribuições que lhe são postas pela sociedade patriarcal, esta forma nova forma de relacionar-se apresenta uma experiência em que os sujeitos se reconheçam parceiros e não objetos, mostrando a subjetividade presente em cada um.

Todavia, para além da autonomia e diálogo citados acima, baseia-se também na responsabilidade afetiva e transparência. O poliamor é visto então como uma redefinição da experiência romântica para além da falta e da idealização, sendo compreendido como um campo de diferenças existentes entre sujeitos. Entretanto, esta nova configuração confronta diretamente com o impossível do controle de si sobre o outro, afetando o desejo; porém, aumenta a liberdade na relação. Evidenciando a ambiguidade existente entre potência e fragilidade. (Perez; Palma, 2018).

As autoras observam e reconhecem o poliamor na contemporaneidade por seus princípios e ideais, como uma maneira de enfrentamento às normas anteriormente estabelecidas, o que leva ao confronto de resistências sociais, a tradicionalidade da época, estruturas marcadas pelo poder e patriarcado. Portanto, na contemporaneidade, é concebido como expressão do desejo e reinvenção do amor diante a fragilidade e fluidez dos vínculos. Defrontando-se que, para ser possível sua existência, é necessário aceitar seus riscos. (Perez; Palma, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar questões relativas à temática sobre relações amorosas e fragilidade dos vínculos na contemporaneidade, fica evidente que estas ainda são marcadas pela dificuldade dos sujeitos em lidarem com aquilo que lhes é constitutivo, a falta e o desamparo. Ainda que o amor romântico seja buscado como uma tentativa de tamponar a falta e realizar o desejo, diante do avanço da sociedade e tendo sido marcado por mudanças significativas, é marcado também por individualismo, consumismo que não se limita apenas ao dinheiro, superficialidade dos laços, entre outras; tornando-o ambíguo.

Com base nas referências clássicas e pesquisas acadêmicas utilizadas ao longo deste trabalho, é apontado que a idealização em torno dos parceiros nas relações sofre influências da sociedade contemporânea a partir de exigências muitas vezes inalcançáveis, decorrente dos avanços das tecnologias e conseqüentemente das mídias sociais, mas não somente. Sob o olhar da psicanálise, alguns dos conceitos fundamentais citados como falta, desamparo, solidão surgem como inevitáveis ao longo da vida e indicam que o amor é formado entre outras coisas pelo risco, vulnerabilidade e incompletude.

Diante das variadas possibilidades que se manifestam, estabelece-se o poliamor como forma de reinventar o amor e as relações que são atingidas perante as transformações da sociedade como forma de lidar com as normas tradicionais estabelecidas. O sujeito contemporâneo vive uma dualidade, pois deseja liberdade que configura individualidade, ao mesmo tempo que busca vínculos verdadeiros, estáveis e duradouros.

Além de ser compreendido como socialmente construído, o amor para a psicanálise configura-se como uma experiência intrínseca ao inconsciente, possibilitando ao sujeito se defrontar com as próprias questões ao se autorizar no encontro com o outro, inserindo-o no campo do desejo. O que mostra-se como necessário que haja vulnerabilidade para que se possa enfrentar as próprias fragilidades, para também lidar com as do outro.

Com isso, observa-se que este vasto campo do amor e suas numerosas camadas exige que seja considerado aspectos emocionais, sociais, culturais para que haja compreensão de sua complexidade e tudo o que envolve e influencia. Para tanto, diante das constantes transformações faz-se necessário que mais pesquisas e estudos sejam realizados para um maior aprofundamento acerca da temática não somente para compreensão dos novos modelos de amar em um contexto cada vez mais marcado pela fluidez e volatilidade das relações.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Argos: Chapecó, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Zahar: São Paulo, 2001.

COTTA, Denis. **O Pseudoamor como um fenômeno da sociedade contemporânea: uma proposta de diálogo entre Erich Fromm e Zygmunt Bauman**. vol. 9, n. 20. p. 218-232, 2019. Disponível em:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/11559/6828>

FERNANDES, Waldemar José. **Solidão e desamparo - cogitações**. vol. 18, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.32467/issn.19982-1492v18nesp.p13-24>

FERREIRA, Nadiá Paulo. **A Teoria do Amor: na psicanálise**. Zahar: São Paulo, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. Atlas: São Paulo, 2017.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Zahar: Rio de Janeiro, 1996.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. Planeta do Brasil: São Paulo, 2022.

LISBOA, Andriele Lopes Barbosa; SCOTTI, Júlia de Souza; SILVA, Luana Luzia da. **Um estudo sobre o amor na atualidade com ênfase na psicanálise freudiana**. [Artigo (Graduação em Psicologia)] - Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina, 2023. Disponível em:

<https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/c34cc65a-4a23-421d-ba99-5b8b2212771e/content>.

NASIO, J.-D. **O livro da dor e do amor**. Zahar: Rio de Janeiro, 1997.

PEREZ, Tatiana Spalding; PALMA, Yáskara Arrial. **Amar amores: o poliamor na contemporaneidade**. Centro Universitário FADERGS - Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165759>.

SENA, Nadja Cecília Beserra de. **O Amor na Psicanálise Freudiana: Neurose, Sintoma e Fantasia**. [Dissertação (Mestrado em Psicologia)] - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SOUSA, João Paulo de; SANTOS, Liliane. **Reflexões sobre o conceito de fantasia nas obras de Freud e Lacan**. v. 2, n. 10, p. 371-383, 2022.

Disponível em: file:///C:/Users/Usu%20C3%A1rio/Downloads/10.17648_2525-2771-v2n10-3.pdf.

VENTURA, Oscar. **O Amor, sempre Outro**. In: ALVARENGA, Elisa; MACÊDO, Lucíola (Orgs). *Mutações no laço social. O novo nas parcerias*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021, pp. 47-66.

Disponível em:

https://www.jornadaebpmg.com.br/2020/wp-content/uploads/2020/09/texto4_oscar-ventura.pdf.